

Uma Revista para pensar o Continente Americano

Fernando Luiz Vale Castro*

Este artigo tem como objetivo estabelecer algumas reflexões sobre a *Revista Americana*, publicação oriunda das fileiras diplomáticas brasileiras, que circulou entre 1909 e 1919, tornando-se local de divulgação, dentre outros aspectos, da política, da cultura e da história sul-americana e tendo contado com participação de uma série de intelectuais e diplomatas de destaque no cenário brasileiro e estrangeiro tais como: Rio Branco, Araújo Jorge, Delgado de Carvalho, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Araripe Júnior, Silvio Romero, José Veríssimo, Lima Barreto, Afrânio Peixoto, Jackson de Figueiredo, José Oiticica, Paulo Barreto, Pedro Lessa, Clovis Beviláqua, Amaro Cavalcanti, Gilberto Amado, Ataulpho de Paiva, Rocha Pombo, Ronald de Carvalho, Hildebrando Accioly, Coelho Neto, Evaristo de Moraes, Renato Almeida, Alberto de Faria, Menotti del Pichia, Barbosa Lima Sobrinho, Amadeu Amaral. Em relação aos estrangeiros, entre outros, podemos citar: Ramon Cárcano, José Ingenieros, Rubem Dario, Benjamin Vicuña Subercaseaux, Francisco Felix Bayon, Francisco Garcia Calderón.

Antes de nos determos na *Revista Americana* propriamente dita cabe salientar que, como toda construção cultural, um periódico pode ser entendido pela dialética entre a produção e a recepção da mensagem, em que coexistem sempre várias formas de apropriação pelos vários grupos e subgrupos que formam uma dada comunidade de leitores. Ao se observar uma revista como local onde se realiza uma prática social de produção de sentido sobre a experiência coletiva, torna-se fundamental observar a questão da produção do discurso. Nesta perspectiva é necessário recuperar a identidade das obras intelectuais, por meio de uma metodologia histórica e intertextual, ou seja, que apresenta como objetivo alcançar o sentido do texto em seu tempo, afastando-se, portanto, de visões anacrônicas e reducionistas. (SKINNER, 1996 ; POCOOCK, 2003)

Em síntese, estamos considerando os articulistas da *Revista Americana* como enunciadores de atos de fala em resposta a determinadas questões em discussão no período. Nesse sentido os autores que fizeram parte da publicação contribuíram para a criação de uma determinada “comunidade argumentativa”, elaborando e emitindo “lances”¹ específicos. Para se compreender tal construção cabe investigar a historicidade da sua produção associada à intencionalidade da sua escrita.

Portanto, entender os atos de fala presentes na *Revista Americana* a fim de percebê-la como uma comunidade argumentativa de uma determinada época e referida a um determinado *locus* social, político e cultural, nos remete à reflexão sobre a visão diplomática do Itamaraty naquele período. Esta se construiu a partir da estratégia riobranquiiana, de estabelecer uma presença diplomática brasileira na América Latina, em especial na América do Sul. Soma-se a isso a ampliação do número de diplomatas estrangeiros no Rio de Janeiro, com o objetivo de transformar a Capital Federal no local com “*mais numeroso corpo diplomático da América Latina*” (BUENO & CERVO 2002).

Este projeto de aproximação gerava a necessidade de se debater determinados conceitos que se mostraram extremamente caros à diplomacia do período, dentre os quais alguns foram

* Doutor em História pela PUC-Rio e Professor da Faculdade de Formação de Professor da UERJ

¹ A perspectiva do lance nos remete, segundo Pocock, a um processo no qual um ato de fala é enunciado e de certa forma busca inovar o contexto lingüístico, permitindo ao historiador observar o que um autor (ou grupo de autores) estava fazendo no momento de elaboração de seu discurso. (POCOOCK, 2003)

abordados sistematicamente nas páginas do periódico, a saber: o Pan-americanismo, a arbitragem na formação do território, e a defesa de um Direito Internacional Público de viés americano. Este último estabeleceria uma nova perspectiva para as questões relacionadas ao arbitramento internacional, abrindo espaço, inclusive, para o debate de temas como soberania, alianças e hegemonia, inseridos no processo de discussão da delimitação das fronteiras sul-americanas dentro de uma perspectiva de manutenção da paz e do equilíbrio político no continente. (CASTRO 2007)

Ao considerarmos a cooperação e o intercâmbio cultural e intelectual entre as Américas, com especial destaque para a América do Sul, como sendo um dos principais objetivos da *Revista*, faz-se mister compreender como os intelectuais que escreveram no periódico pensaram questões referentes ao continente associadas ao papel da ação diplomática na construção de uma identidade brasileira e sul-americana. Trata-se, principalmente, de uma reflexão sobre o papel que a diplomacia deveria assumir no continente e este no novo concerto das nações que vinha sendo redefinido na Europa quando do momento da circulação do periódico.

Em face dos limites físicos de um artigo destacaremos, apenas, o reconhecimento da importância da contribuição da *Revista Americana* como instrumento de compreensão do projeto político e cultural do Itamaraty. Trata-se de pensá-la como parte integrante de uma estratégia de formulação de um projeto que consistia em estabelecer parâmetros acerca da função a ser exercida pelo corpo diplomático, associada ao papel que caberia à América do Sul na ordem mundial que se forjava nos primeiros anos do século XX. Em síntese, em como o periódico pode servir como referencial para a elaboração de um ideal americano evidenciado em suas páginas.

A *Revista Americana* deve ser compreendida como uma comunidade argumentativa com um sentido geral para a sua publicação, sentido este relacionado com a possibilidade de execução de um “lance” importante, a saber: a valorização da diplomacia como norteadora de um processo que passaria por uma aproximação cultural cujo objetivo último seria indicar os caminhos para o Brasil e a América do Sul no cenário internacional. Tais caminhos teriam como premissa pensar o continente sul-americano, a partir de uma moral e uma cultura próprias, apresentando-o como um exemplo a ser seguido em uma época que se anunciava como altamente belicosa.

Tal posição, no entanto, só seria alcançada quando as nações sul-americanas estabelecessem uma cooperação fruto de um conhecimento mútuo que teria no corpo diplomático seu principal artífice. Essas premissas, na nossa concepção, aproximam a proposta da *Revista* com aquilo que, décadas mais tarde convencionou-se chamar de Diplomacia Cultural.

Elaborando uma estratégia: a Diplomacia Cultural e a Criação da Revista Americana

De acordo com Sérgio Danese, tão logo foram resolvidas as questões das fronteiras, coube à diplomacia brasileira se constituir, também, em instrumento do desenvolvimento dos demais projetos do Estado passando o Itamaraty, em suas palavras: “*a trabalhar intensamente para colocar o Brasil no caminho da integração regional com uma contribuição expressiva na dimensão cultural da construção da nacionalidade que tem relação direta com o avanço do projeto de desenvolvimento em suas ramificações externas*”. (DANESE, 1999)

Corroborando com essa perspectiva o início de certo processo de profissionalização² do corpo diplomático brasileiro posto em prática por Rio Branco. Na época do Barão, o Itamaraty passou a se preocupar com a formação cultural e política de seus diplomatas que, até então,

² Processo este que se consolidou efetivamente a partir da década de 30.

ingressavam na carreira quase sempre por meio de relações pessoais. Outrossim, o gabinete do Barão incentivou a intermediação nos processos de definição da nacionalidade, que se fez em função de relações capitais no plano externo, capitais porque ofereciam elementos de contraste, de competição, de cooperação, de resistência, de influência que ajudaram a forjar uma nacionalidade.

Nesse ponto aparece para nós o conceito de Diplomacia Cultural que de maneira bastante objetiva pode ser pensada como um instrumento, uma estratégia de difusão de aspectos culturais de uma nação no exterior associada à divulgação interna de culturas estrangeiras. Diante dessa perspectiva seu universo temático pode ser resumido pelo: intercâmbio de pessoas; pela promoção da arte e dos artistas nacionais; pela divulgação geral de elementos culturais, pelo apoio a projetos de cooperação intelectual etc.(TELLES RIBEIRO, 1989)

Em síntese podemos afirmar que a Diplomacia Cultural pode ser pensada como um instrumento que efetivamente possibilite a inserção externa de uma nação, contribuindo para consolidar sua identidade e reforçar a aproximação de nações em torno de um patrimônio, de um referencial comum, desempenhando papel de extrema utilidade no esforço de desempenhar uma função aglutinadora, que, segundo o autor, nenhum outro componente do instrumental diplomático consegue preencher satisfatoriamente.

Inserimos a *Revista Americana* na lógica de aproximação das nações sul-americanas em busca da construção de uma estratégia diplomática voltada para o equilíbrio do continente, garantidora da paz, em um contexto de enorme instabilidade com um mundo sofrendo com as conseqüências da Corrida Imperialista que levaria as nações centrais para uma guerra generalizada e uma América, especialmente do Sul, buscando se inserir nesse cenário, tentando consolidar suas instituições.

É a partir da inserção nesse contexto que ganha importância a *Revista Americana*, periódico dirigido, inicialmente, pelos diplomatas Araújo Jorge, principal responsável pela *Revista*, e Delgado de Carvalho, bem como pelo jornalista Joaquim Viana, editada, no Rio de Janeiro. Julgamos a Revista de extrema relevância para a compreensão do cenário político e cultural da época, bem como pensamos ser ela uma das primeiras, senão a primeira, manifestação organizada por um órgão ligado ao Estado que objetivava pensar a cultura e identidades nacionais, sendo que estas deveriam ser inseridas num projeto intercontinental, fato que demonstra certo vanguardismo em relação à boa parte da intelectualidade daquela época.

No período no qual ela circulou, a *Revista Americana* foi uma das mais importantes publicações que apareceram na cena cultural brasileira. Além de divulgar idéias, seu principal objetivo era, conforme dito no primeiro número do periódico: “*aproximar intelectuais, congregar espíritos, revelar identidades e promover formas de integração cultural entre os diversos povos da América*”. Ao longo dos seus dez anos de vida, foram tratados os mais variados assuntos, com temas que versavam desde a diplomacia, propriamente dita, à crítica literária, passando pela publicação de poesias e contos que, na maioria das vezes, tratavam de problemáticas sul-americanas. É possível afirmar que ela foi pioneira e única, no Brasil, em seu gênero no período.

Seu vanguardismo pode ser observado a partir do fato da diplomacia ao longo dos noventaos ter se tornado um dos segmentos mais atuantes no cenário político e cultural do continente, assim como vários intelectuais, de diferentes gerações e nacionalidades, ao longo do século XX, terem buscado responder perguntas que eram preocupações básicas da *Revista Americana* tais como: o que são as Américas no contexto da cultura ocidental? Quais são as aproximações possíveis entre elas? Quais são os seus distanciamentos? Qual é a identidade americana? Qual deve ser o futuro do continente? etc. Manoel Bonfim, Darcy Ribeiro,

Leopoldo Zea, Octavio Paz, Richard Morse, Nestor Canclini, entre outros, realizaram grande esforço no sentido de responder essas questões, sendo o legado de suas obras a maior prova disso.

Nesse sentido vemos a publicação da *Revista Americana* como uma tentativa de se encontrar, senão uma resposta satisfatória a tais dúvidas, ao menos um caminho de debate que levasse, doravante, a um possível denominador comum que representaria, em síntese, uma cooperação e solidariedade continental, molas mestras para se estabelecer a paz no continente..

A *Revista Americana* surgiu como um projeto inovador de cooperação intelectual internacional desempenhando, durante dez anos, “papel de grande relevância, e único, em nosso cenário cultural”, sendo núcleo de cooperação entre intelectuais americanos. Esta cooperação teria funcionado, segundo Costa Franco, como alicerce da política de aproximação com os “vizinhos” do Brasil. Essa perspectiva pode ser observada no editorial do primeiro número no qual era afirmado que *Revista* tinha como objetivo:

“Divulgar as diversas manifestações espirituais da América e seguir ao mesmo passo, paralelamente, o traçado superior da sua evolução política e econômica, tornando-se um traço de união entre as figuras representativas da intelectualidade desta parte do mundo.

Ela facilitará ao historiador e ao geógrafo, ao político e ao jornalista, ao artista e ao filósofo, elementos seguros determinantes de uma noção exata e precisa dos múltiplos e paradoxos, aspectos da nossa vida espiritual.”(SENADO FEDERAL, 2001)

Ainda no primeiro editorial é possível observar que havia uma necessidade de se criar uma identidade própria para o Brasil e a América, na medida em que:

“... as idéias, para serem aceitáveis, necessitam trazer a marca européia e transpor os mares nos bojos dos transatlânticos, o descaso injustificável pelas coisas do nosso continente; a indiferença pela sua história; o desamor às suas tradições; o desprezo pelos incontáveis aspectos de sua natureza e ter - se - á um quadro quase completo de várias causas por que as gentes americanas se desconhecem voluntariamente. [...]

Quando os povos americanos tiverem uma noção mais exata do valor das suas fortes qualidades originárias e nativas, ainda não de todo esmaecidos ao influxo das culturas exóticas; quando reconhecerem que o nosso continente, tão mal conhecido e ultrajado, constitui, por si só, uma matriz perene de estudos, exames, indagações...”(SENADO FEDERAL, 2001)

O grande *lance* do periódico foi valorizar a diplomacia e indicar caminhos para o Brasil e a América do Sul, que deveriam ser trilhados, construídos. Ao se perceber as estratégias e os rumos do Itamaraty nas décadas posteriores à publicação do periódico, fica claro qual o maior legado da *Revista Americana*. Ela representou a primeira experiência brasileira do que se denominou, posteriormente, “diplomacia cultural”, articulada a um projeto de aproximação sul-americana. Capitaneada pelos corpos diplomáticos do continente, tal política baseou-se na elaboração de uma moral e uma cultura próprias, da e para a América do Sul.

Corroborando essa perspectiva, há aspectos presentes na própria estrutura da publicação que apontam para essa aproximação entre as nações sul-americanas. Nesse particular devemos, inicialmente, destacar a lógica divulgadora explicitada pelo próprio periódico, especificamente nas seções denominadas “Bibliografia”, que consistia em uma espécie de boletim acerca dos livros que chegavam ao conhecimento da redação, na seção “Revistas” que consistia em resenhas de alguns periódicos publicados na América e na Europa e, finalmente, na seção “Notas” direcionada aos leitores versando sobre assuntos diversos, com especial destaque para resenhas críticas sobre publicações a respeito da própria *Revista Americana*.

Outrossim, encontramos textos de caráter mais literário, versando desde a história da literatura e da crítica literária propriamente dita, até a poesia e a ficção. A maioria desses textos trazia consigo uma preocupação em divulgar elementos culturais, históricos e sociológicos, das várias nações da América do Sul, presentes no debate intelectual desde o último quartel dos oitocentos.

Um aspecto que merece destaque era o sentimento de americanidade que ganhava relevo, em diversas publicações que simultaneamente à defesa da pátria, da integridade territorial e da soberania nacional, projetavam a defesa de um ideal americano, especialmente em artigos que versavam sobre temas diplomáticos.

Vários textos de história e crítica literária apresentavam a clara função de informar ao leitor do periódico as diversas manifestações culturais de parte de América do Sul, em especial as do Brasil e Argentina, com algum destaque para o Chile, Uruguai e Peru, permitindo um maior conhecimento da literatura dos vizinhos, mas, igualmente, atualizando e incentivando a reflexão sobre as culturas políticas presentes, com o objetivo de valorizar as semelhanças entre as nações acima citadas.

Interessante perceber que a valorização dos aspectos em comum das nações sul-americanas foi bastante marcante no periódico. Podemos afirmar que a *Revista* tinha a preocupação em salientar tudo aquilo que poderia promover a aproximação entre as nações, associada com a defesa da tese de que a América era um continente de paz³.

O interesse em divulgar questões do meio intelectual sul-americano, aparece em obras como: “Solidariedad Intelectual de América” e “Intelectuales latinoamericanos”, de Félix Bayon; “La intelectualidad en Chile”, de Pedro Pablo Figueroa; “Porvenir cultural de América”, de Luis Arquisám e “Poetas brasileños actuales” de Manoel Benavante.

Aspectos artísticos e de cultura popular sul-americanos foram, embora com menor ênfase, igualmente apresentados na *Revista*. Trabalhos referentes aos legados das culturas pré-colombianas, indígenas e, até mesmo ao folclore nos diferentes países, tiveram algum espaço no periódico, fato que revela certa preocupação com as respectivas identidades culturais sul-americanas e o papel do popular nas mesmas. Dentre os artigos que foram publicados com essa perspectiva temos: “Civilizacion preincaica”, de Carlos Wiese; “Las lenguas indígenas de la cuenca del Amazonas y del Orinoco”, de Rodolfo Schüller; “Lendas del diabo”, de Fabio Luz; “O engenho do tinioso: lendas da serra e da baixada”, de Salvador de Mendonça; e “El folk lore argentino: importância de su estudio”, de Adán Queiroga.

A busca de um ideal americano era preocupação de vários autores e, em nossa opinião, serviu de base para o projeto da publicação. Tal premissa nos permite perceber a importância da *Revista Americana* para a análise dos intelectuais que formaram as fileiras da diplomacia sul-americana, em especial a brasileira nos primeiros anos dos noventa e que serviram de base para o pensamento e a ação diplomática nas décadas seguintes, uma vez que não podemos esquecer que foi justamente ao longo do século passado que o Itamaraty estabeleceu uma política institucional de formação permanente de quadros com a consolidação da profissionalização da carreira diplomática.

Data do período imediatamente posterior ao fim da publicação da *Revista*, anos 20 e 30, o início dessa preparação sistemática para a formação efetiva de um corpo diplomático, uniforme e, principalmente, altamente qualificado, sobretudo nos campos da História, da

³ Uma dessas aproximações, considerada por nós pedra de toque para se compreender o projeto da *Revista Americana* relacionava-se com a valorização da Proclamação da República brasileira, considerado por alguns como o responsável pela superação das diferenças existentes entre as nações sul-americanas.(CASTRO, 2007)

Geografia e do Direito, além, obviamente, das questões internacionais, tanto para representar o Brasil no exterior, quanto para legitimar, internamente, as ações do Ministério. Nesse cenário, edificou-se a criação do Instituto Rio Branco que, a partir dos anos 40, tornou-se o órgão responsável, por excelência, pela formação do corpo diplomático brasileiro. Outrossim, convém frisar os constantes intercâmbios entre as nações sul-americanas, inegavelmente, um dos pilares da diplomacia ao longo do século passado.

Bibliografia:

- BUENO, Clodoaldo & CERVO, Amado. *História da Política Exterior no Brasil*. Brasília, Ed UnB, 2002.
- CASTRO, Fernando L. Vale. *Pensando um continente: A Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul*. Rio de Janeiro, PUC- Rio, Tese de Doutorado em História, 2007.
- DANESE, Sérgio. *Diplomacia Presidencial*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1999.
- SENADO FEDERAL *Revista Americana: uma iniciativa pioneira de cooperação intelectual (1909 – 1919) Seleção de artigos fac-silimar*. Brasília, FUNAG / CHDD, 2001.
- SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.
- TELLES RIBEIRO, Edgard. *A diplomacia cultural e o seu papel na Política Externa brasileira*. Brasília, FUNAG, 1989.
- POCOCK, J.G.A . *Linguagens do ideário político*. São Paulo, EDUSP. 2003